

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MARCOS PADOVANI

**“CORPO E ESTERÓIDES: IMPLICAÇÕES
PARA UMA PEDAGOGIA DO CORPO”**

Campinas
2005

MARCOS PADOVANI

**“CORPO E ESTERÓIDES: IMPLICAÇÕES
PARA UMA PEDAGOGIA DO CORPO”**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade
de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção
do título de Licenciado em Educação
Física.

Orientador: Drª Silvia Cristina Franco Amaral

Campinas
2005

UNIDADE: FEF/1103
L.O. CHAMADA:
Tecnicaamp
P136c
Ex. 2678
TOMBO BC/
PROG.
C ☐ D ☒
PREÇO 11,00
DATA 20/12/05
Nº CPD 375184
200600602

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

P136c Padovani, Marcos.
Corpo e esteróides: implicações para uma pedagogia do corpo /
Marcos Padovani. - Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador: Silvia Cristina Franco Amaral.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Corpo. 2. Esteróides. I. Amaral, Silvia Cristina Franco. II.
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação
Física. III. Título.

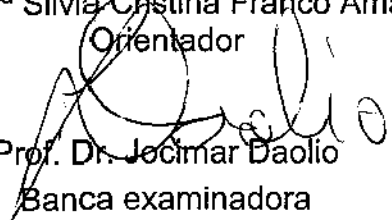


MARCOS PADOVANI

**“CORPO E ESTERÓIDES: IMPLICAÇÕES PARA UMA
PEDAGOGIA DO CORPO”**

Este exemplar corresponde à redação
final do Trabalho de Conclusão de
Curso (Graduação) defendido por
Marcos Padovani e aprovado pela
Comissão julgadora em: ____/____/____.

Prof. Dr^a Silvia Cristina Franco Amaral
Orientador


Prof. Dr. Jocimar Daolio
Banca examinadora

Campinas
2005

Dedicatória

*Dedico este trabalho a meus pais Antonio Padovani
e Sebastiana P. da Cruz Padovani.*

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, especialmente a minha irmã Cleusa e seus filhos Bruna e Douglas, minha primeira "mãe Maria", e as pessoas que tem me dado carinho nestes últimos tempos, Roberta, Euza, Roberto, Diego e meu sobrinho Iago que apesar de ter apenas cinco anos tem se tornado meu melhor companheiro. Também a Sulamita (...) por ter me apoiado e me amparado esses cinco anos de curso e praticamente cheguei onde estou graças a ela, e aos meus amigos Otavio (batavo), Paulo (portuga) e minha orientadora a Prof. Dr^a Silvia C. F. Amaral.

PADOVANI, Marcos. **Corpo e Esteróides: implicações para uma pedagogia do corpo**. 2005. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RESUMO

Historicamente, o ideal de corpo tem sido construído seguindo-se uma lógica de consumo imposta pela Indústria Cultural que, por sua vez, tem respeitado interesses específicos da sociedade mercantil. Assim, delimita-se um sentido de beleza corporal propagado pelos meios de comunicação de massa e que reflete um estereótipo padrão de imagem e conduta. Neste contexto, o reflexo mercadológico exibido sobre o corpo pela mídia de massa influencia o adolescente na busca de um modelo corporal e acarreta descontentamentos, uma vez que este dificilmente atinge tal ideal. Na busca deste padrão de corpo, as pesquisas apontam ser esta faixa etária a mais vulnerável ao uso de substâncias farmacológicas como esteróides anabolizantes relacionadas à estética corporal. Nesse trabalho, utilizamos como metodologia a análise bibliográfica e descritiva. Após consulta as bases de dados Scopus, Scielo e ERL e por meio do cruzamento das palavras-chaves body and steroids, encontramos seis estudos relevantes para análise. Buscamos esclarecer se as informações contidas nos estudos eram pertinentes ao contexto escolar, verificamos também a concepção de corpo e ser humano, a clareza de conteúdo, a disponibilidade de acesso, e a aplicabilidade dos conteúdos no contexto escolar. Segundo os estudos analisados, o consumo dessas substâncias tende a ser maior nesse grupo, possivelmente em decorrência das informações disponíveis sobre esses produtos e acessíveis ao público em questão. Observamos que os estudos não superam a visão dualista de corpo e de ser humano, uma vez que o encaram como modelo já pronto socialmente. Os mesmos estudos não são claros o suficiente para pessoas sem aprofundamento teórico sobre esteróides, pois são escassos em língua portuguesa e possuem linguagem técnica específica. Além disso, encontram-se disponíveis em revistas e domínios de acesso restrito a assinantes, dificultando assim, o acesso ao público em geral. Por apresentarem problemas referentes a acessibilidade, clareza, concepção de corpo e de ser humano sincrética, comprometem a sua aplicabilidade no contexto escolar. Adicionalmente, alguns desses estudos não foram elaborados com essa finalidade, tornando precário o conteúdo das informações neles contidas.

Palavras-Chaves: Corpo, esteróides.

PADOVANI, Marcos. **Corpo e Esteróides: implicações para uma pedagogia do corpo**. 2005. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ABSTRACT

Historically, the body ideal has been built upon a logic of consumption imposed by the Cultural Industry, which in turn has followed the specific interest of a capitalist society. Thus, the sense of body beauty is limited by mass communication media, and reflects a standard stereotype for image and behavior. In this context, the body image the mass media reflexes on the market influences teenagers in their quest of a body model, and leads to dissatisfaction, as this ideal is never reached. In this quest for a body standard, researches have indicated teenagers as the most susceptible to the use of pharmacological substances related to body ideals, such as anabolic steroids. In this paper we use the descriptive and bibliographic analysis method. After searching Scopus, Scielo and ERL databases, and crossing keywords as body and steroids, we found six studies relevant to the analysis. Our purpose was to clarify whether the information in those studies could be used in a school context analyzing the idea of body and human being, the transparency of the context, the availability of access, and the applicability of the contents in the school context. According to the studies analyzed, the intake of those substances tends to be higher in this group, possibly due to the information available about those products, and their availability to this public in special. We noticed those studies did not overcome the dual vision of body and human being, because they treat it as a model socially ready. The same studies are not clear enough for those without deep theoretical knowledge about steroids, as they are scarce in Portuguese and are written in a specific technical language. Moreover, they are available only in magazines and domains with access restricted to subscribers. Hence the access of general public is limited. The applicability of these studies in a school context is highly compromised by their lack of transparency, accessibility, and conception of a syncretic body and human being concept. Further more some of these studies were not written with this purpose, thus their contents are precarious.

Keywords: Body, steroids.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EAA	Esteróides anabólico-androgênicos
ACSM	American College of Sports Medicine
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. A construção cultural do corpo	16
2.1. Do corpo industrial ao corpo capital	16
2.2. A beleza corporal	20
3. Pedagogia para o corpo	23
3.1. O tempo livre.....	23
3.2. O esporte.....	24
3.3. Pedagogia para(do) o corpo.....	28
4. Relação: treinamento X corpo	32
5. “O espelho social”	36
Considerações finais.....	41
Referências Bibliográficas	44
Anexos	47

1. Introdução

Ao longo do curso de graduação em Educação Física na FEF/UNICAMP, um conhecimento em especial foi me despertando interesse e atenção: os estudos sobre o corpo. Assim, o corpo como linguagem em primeira instância nas relações pessoais, passou a transformar meus pensamentos que, a priori, estava impregnado pelo senso comum.

Aos poucos foram se tornando nítidos os reais interesses pelo corpo. As transformações pelas quais o corpo passara ao longo da história, remetendo a interesses hegemônicos amparados pelas instituições sociais (como a escola), começaram a revelar uma rede de intriga exposta a meus conhecimentos. A implosão desses “novos contextos” culminou num aprofundamento teórico, que primeiramente, devido às influências da cultura de massa, direcionou-me aos estudos de causa/efeito, nos quais passou a surgir uma corrente, que me levou aos estudos sobre esteróides e suas implicações sobre o corpo.

Com o decorrer do curso de graduação e o acúmulo de novos conhecimentos, que por sua vez, devido à posição política/pedagógica que me fora apresentada, me abriram os olhos para uma nova visão, que partiria do reconhecimento de interesses dominantes sobre o corpo. Dentro desse contexto estaria uma possível pedagogia, impregnada de relações hegemônicas que, por conveniência, atuaria de “dentro para fora” e de “fora para dentro da escola”, nas quais o uso de EAA tornara-se, historicamente, consequência desses interesses ideológicos.

No decorrer da história, são instituídos aos corpos dos homens regras e normas de uma sociedade específica, que culminam em marcas, ou seja, códigos que respeitem interesses de seus representantes mais influentes. Rodrigues, apud Vargas (1990, p. 32,33), faz uma advertência que “nenhum animal transforma voluntariamente, como o homem, o seu próprio corpo”, pois as sociedades humanas agem sobre o corpo através de regras, condutas, códigos, e essas variáveis interferirão na maneira de ser do indivíduo como andar, vestir, amar, alimentar-se, etc., sendo o corpo uma encruzilhada de acontecimentos sócio-culturais.

Em especial no século XX e início do XXI a sociedade foi pautada na obtenção e acúmulo de capital. Mas como é possível imprimir em nossos corpos objetivos extrínsecos que não nos pertence?

O corpo é passível de educação, sofrendo assim influências dos vários canais, ou veículos, que direta ou indiretamente exercem este papel em nossa sociedade, práticas corporais pertencentes a uma cultura de massa, que subjetivamente carrega consigo uma gama de interesses que representam a lógica da mais valia, tem sido privilegiada. Assim cria-se uma

cultura que objetiva o corpo que agora não só representa um meio de produção, como afirma Soares (2001, p.33) quando diz que vê “o corpo dos indivíduos, como mais um instrumento da produção”, mas incorpora-se à lógica de consumo que visa impregnar a consciência de adoração ao corpo que contemporaneamente tornou-se objeto de desejo, fonte de prazer¹ (Silva 2003, p.17). Sobre isso, Figueira (2005, p. 96) diz que na atualidade “o culto ao corpo é uma ‘prática de saúde’ e está associado à jovialidade e a boa forma e ao jeito atlético e ativo de ser”.

Silva (2003) fala que cultura é a condição essencial para existência humana, um conceito simbólico, em que são necessários a existência de padrões culturais e sistemas organizados de símbolos significantes para dirigir o corpo humano. A autora cita Durham (1984) dizendo que a referida autora prefere conceituar cultura como um processo de contínua produção, utilização e transformação na prática coletiva. Assim ela propõe um discurso sobre “A construção cultural do corpo”, que nos permite compreender o corpo além da concepção dita “natural” representada pelas ciências naturais.

Bettelheim (1985, p. 66,67) afirma existir uma moderna sociedade de massa geradora de uma “cultura de massa”, que incentiva a crescente indefinição a respeito da própria identidade e a sensação de que os indivíduos têm uma autonomia restrita. Ainda nos ressalta o incentivo de uma ilusão de maior liberdade, tornando a não satisfação nas realizações dos desejos ainda mais prejudicial. Featherstone apud Silva (2003, p.49), prega a existência de três perspectivas fundamentais para a cultura de massa, “a primeira tem como premissa a expansão da produção capitalista de mercadorias que deu origem a uma vasta acumulação de cultura material”, a segunda tem referência na concepção sociológica, sendo que o “acúmulo de mercadorias leva as pessoas a criarem vínculos ou estabelecerem distinções sociais”, e a terceira está relacionada aos “prazeres emocionais do consumo, e os sonhos e desejos que fazem parte do imaginário cultural consumista e em locais de consumo que produzem diversos tipos de excitação física e prazeres estéticos”. Featherstone apud Silva (2003, p. 50):

[...] argumenta que nas sociedades ocidentais contemporâneas o processo exacerbado pela busca de uma conduta e um procedimento mais jovem ocorre [...] pela forte ênfase na aparência física, na imagem visual que é um dos elementos fundamentais que impulsiona a cultura de consumo.

¹ Silva (2003) afirma: o corpo que antes fora produtivo (séc. XX), “nos dias de hoje falamos em um corpo como fonte de prazer”.

Há assim uma política para se “educar” o corpo que segue interesses de quem fundamenta suas preocupações com a obtenção e acúmulo do capital. Para isso, utiliza-se de diversos instrumentos que não respeita o que Kunz (1994) chama de “consciência verdadeira”. Entre esses instrumentos está a escola. Não podemos deixar de citar que a partir de um determinado momento histórico, com o aparecimento dos meios de comunicação e seu desenvolvimento, transformando-se em “meios de comunicação de massa”, houve uma aceleração nesta “cultura de consumo” e que através do marketing esportivo² conseguiu influenciar tanto o lazer, atividades esportivas, quanto às aulas de educação física na escola. Dentre os mecanismos existentes para alcançar esse objetivo, Castellani Filho (1985) cita a existência de uma Empresa Cultural³.

Podemos então dizer que existe uma construção capitalista do corpo. Esta construção, no momento atual, vem se desenvolvendo cada vez mais e busca atingir a maior parcela possível da sociedade. Dentre elas está a preocupação com a fase da adolescência, que Bettelheim (1985, p. 66, 67) afirma ser “jovem demais para ter tido experiência suficiente a fim de dominar seus problemas com sucesso”. Ainda define como fator de desequilíbrio a necessidade de buscar muito mais maturidade para enfrentar os perigos dessa moderna sociedade de massa do que antes fora, pelo fato do adolescente moderno estar mais exposto a muito mais opções e tentações que o adolescente de outrora.

A adolescência sendo uma fase de conflitos e afirmação social, fica o jovem mais vulnerável às armadilhas da sociedade capitalista, que, como diz Bettelheim, é maior hoje do que antes. Em análise da revista *Capricho*⁴, Figueira (2005) anuncia que não são poucas as estratégias e os discursos elaborados e divulgados em nome do culto ao corpo dirigindo-se, por exemplo, a eterna juventude, associação da saúde com a beleza e desta com a felicidade, então ter um corpo perfeito, trabalhado, esculpido à imagem e semelhança do desejo de cada um, é uma tendência que vem se firmando, fazendo parecer serem normais, inerentes, essenciais, portando “naturais” do viver a identidade contemporânea. Assim, relata que dentre os objetivos da revista, um deles é de formar a identidade da adolescente feminina, portanto, incentivá-la a investir em si mesma para que possa produzir um corpo consoante às representações de saúde e beleza que ela cria e produz em suas páginas.

² Instrumento, estratégia utilizada pela Indústria do esporte (Pitts 2002).

³ Castellani Filho diz que a Empresa cultural teria a incumbência de garantir a reprodução do conhecimento produzido, com o objetivo de expandir seu consumo cada vez maior para os mais diversos segmentos da sociedade, assim ampliando o domínio da classe dirigente (1985, p.103).

⁴ Revista direcionada ao público feminino.

Com referência ao corpo do adolescente masculino, Silva (2003) enuncia esta concepção contemporânea dizendo que se fala muito em hipertrofia, porcentagem de gordura, trabalha-se com medidas, suplementos e produtos farmacológicos para ambos os sexos, uma verdadeira tecnologia do “milagre” corporal que faz com que pareça ser normal buscar um corpo “sarado” representativo de saúde, força e por fim “status” social. O que antes fora atribuído às vestes⁵, hoje é para o corpo. Criou-se um estigma de prazer associado ao corpo esteticamente perfeito segundo os moldes atuais. No entanto, para alcançar esses objetivos são utilizados vários meios e dentre eles está o uso de esteróides anabólicos. Silva (2003, p. 70) relata que:

[...] a preocupação com efeitos indesejados causados por tais substâncias (Esteróides anabólicos) parecem não ser tão relevantes quanto à mudança que a mesma proporciona, tanto no sentido de rendimento esportivo quanto à estética corporal.

A história do doping se confunde com a história do esporte, e tem pontos marcantes. Em 1919 com a descoberta da síntese da anfetamina pelo farmacêutico japonês Ogata houve uma crescente dopagem esportiva. Após, foi substituída pelos hormônios masculinos, os chamados esteróides anabólicos, com poderes maiores e também mais desastrosos. Em 1935, descobre-se a testosterona. No mesmo ano, fisiologistas suíços conseguem transformar colesterol químico em testosterona sintética, com isso a humanidade obteve a capacidade de produção em larga escala dos EAA. Já há algum tempo tem-se estudado o uso dessas substâncias farmacológicas fora do âmbito esportivo de alto nível (academias, centros que cuidam da estética corporal), que apontam as atrocidades que essas substâncias causam à saúde. Mas a pergunta que não perpassa esses estudos e que se coloca como importante é: qual a concepção de corpo e ser humano que há nestes estudos? Há clareza, disponibilidade e aplicabilidade na escola?

Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão teórica, além de uma análise sistemática de conteúdo, dos estudos relacionados ao corpo e o uso de esteróides por adolescentes, e suas implicações no contexto escolar, procurando levantar pontos relevantes de seus aspectos sociais.

Tentar compreender o homem como ser histórico-cultural⁶, reconhecer a influência das instituições sociais, principalmente a instituição escolar sobre a construção de corpo, a qual se almeja com a utilização de substâncias farmacológicas, significa compreender a lógica

⁵ Silva (2003) faz um relato historicamente do corpo em épocas passadas, citando a importância das vestes das pessoas no status da sociedade.

⁶ Um dos focos de preocupação de Vygotsky.

que rege as regras. Isso é importante pelo fato de constituir base para uma possível intervenção no âmbito escolar com ampla “compreensão da realidade”⁷.

Assim vemos a necessidade da análise de estudos científicos sobre EAA e a acessibilidade desse conhecimento para a realidade escolar de adolescentes. Reconhecem como enuncia Pedrosa (2000) apoiado em Weber, que a compreensão da realidade é infinita, todo processo é uma seleção que se realiza a partir de valores que são subjetivos e que dependem da cultura do agente do conhecimento. A visão puramente biológica do corpo humano representada pela preocupação médica com a prática da atividade física (Silva 2003), permite a generalização de conceitos e assim contribuindo com os propósitos capitalistas de pulverização de seus valores. Para Mauss (1974) apud Silva (2003, p. 41) não se pode ter uma visão clara de todos os fatos sociais se não for considerado o triplice ponto de vista: biológico, sociológico e psicológico, o do “homem total”. Neste tocante, Daolio (1995, p. 36,37) cita:

Ao se pensar corpo, pode se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal sobre o qual a cultura escreveria histórias diferentes. Afinal, homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados esses que definem o que é corpo de maneiras variadas.

Para justificar tal preocupação atentamos que mesmo a publicação de vários trabalhos científicos e a tentativa de conscientização da população sobre os problemas causados por usos desses produtos farmacológicos em especial o de EAA, não parece estar surtindo efeito. Atualmente só está aumentando o consumo destas substâncias. Além disso, Soares (2001) diz que “A educação atual do corpo vai à direção a certo modismo, que transforma o corpo em mercadoria apresentando-o como objeto sexual a ser comercializado” (corpo como objeto de prazer).

Os caminhos metodológicos, nos quais percorre este estudo está permeado por uma revisão teórica e uma pesquisa bibliográfica com caráter descritivo, com a finalidade de obter um levantamento de trabalhos sobre o tema em questão. Para Santos (2002, p. 27, 28), a pesquisa bibliográfica consiste em conjuntos de materiais escritos (gráfica ou eletronicamente) a respeito de um determinado assunto, “Constitui-se numa preciosa fonte de informações com dados já organizados e analisados com informações e idéias prontas”. Em relação ao caráter descritivo deve-se ao levantamento e observação sistemáticos das características conhecidas, componentes, fato/fenômeno/processo.

⁷ Com base no triplice ponto de vista apresentado por Mauss (1974).

Para análise deste levantamento bibliográfico descritivo, realizei uma subdivisão em quatro categorias:

- Conceção de corpo e ser humano
- Clareza do conteúdo
- Disponibilidade de acesso
- Aplicabilidade dos conteúdos no contexto escolar

A coleta de dados realizou-se através das bases de dados em acervos eletrônicos como Scopus, Scielo, ERL (periódicos eletrônicos – títulos assinados pela Unicamp) e por meio do cruzamento das palavras-chaves body, steroids, adolescent e school. A seleção de trabalhos pertinentes ao estudo foi realizada de acordo com a relação entre os pontos relevantes à pesquisa.

Dentre os artigos encontrados foram selecionados seis estudos contendo a relação entre os conteúdos chave desta pesquisa. (EAA, corpo, Adolescentes, escola). Com isso, pretendia desenvolver a descrição crítica dos conteúdos, enunciando sua relação sistemática com as categorias citadas acima, enfatizando a busca de conhecimentos que contribuam com a educação escolar.

2. A construção cultural do(s) corpo(s)

2.1 Do corpo Industrial ao corpo capital

É inegável que o corpo tivera suma “importância” em épocas passadas, como na Grécia antiga ou em outros recortes históricos, mas é na sociedade industrial que ele assume papel importante, em prol do capital. Nesta sociedade o corpo passa a ser, além de material bélico, também sinônimo de produção, e aí, muito mais do que antes, seria necessário domesticá-lo.

Desde o início, com os avanços dos meios industriais, a classe operária fora deixada à marginalidade, à mercê de epidemias, mortalidades infantis, entre outros problemas relegados à baixa qualidade de vida, devido à precariedade que se encontravam nesse primeiro momento. A precariedade era tanta que a debilidade física em que se encontravam fizera com que não atingissem a altura mínima necessária para o ingresso nas tropas militares. Porém, corpos saudáveis era uma exigência do capital, e os “doentes” não deveriam ser considerados fruto das condições de vida desse sistema econômico (Soares, 2001).

Neste momento, “justificava-se” a intervenção do médico higienista, posto que, isentava os problemas de cunho sócio-econômicos e os colocava nas ordens “biológicas, físicas (meio físico), “naturais” e... morais”. Assim, delegando os cuidados com o “corpo” aos próprios operários, mas em respeito a essa autoridade, “o médico”, que adentrava suas vidas para a partir dessa nova configuração, ditar seu *modus vivendus*. Com isso, modificavam-se bruscamente as variáveis sociais, sendo que “os hábitos do corpo, em uma dada cultura, configuram princípios normativos que, por vezes, definem a condição da humanidade” (Lara, 2004, p. 69). Era uma ação ideológica do Estado, que se configurava nessa nova sociedade industrial, e assim:

[...] poderíamos afirmar que o pensamento médico higienista, elegendo a família como lugar privilegiado de intervenção, ‘auxilia’ o Estado num processo de reorganização disciplinar da classe trabalhadora, reorganização esta que é complementada pela educação escolar e por todo o conteúdo de classe que ela veiculará (Soares, 2001).

Com estes princípios o corpo é encarado como biológico, o que Soares (2001) cita como a-histórico, não determinado pelas condições sociais que determinam o espaço que irá

ocupar na produção... “corpo de um bom animal”. Isso irá influenciar diretamente a Instituição escolar, na qual os exercícios físicos, vão sendo construídos a partir de conceitos médicos, sendo que um dos meios para generalizar o conceito estético de corpo está em encará-lo como puramente biológico, a-cultural.

Silva (2003, p. 32), citando Geertz, diz que a cultura é “condição essencial para a existência humana, um conceito semiótico, em que são necessários a existência de padrões culturais e sistemas organizados de símbolos significantes para dirigir o corpo humano”. Assim, se olharmos para o momento histórico descrito anteriormente, identificamos o pensamento médico interferindo nesses padrões e sistemas, através do que Mauss (1974) chama de técnicas corporais e que Lara (2004, p. 66) entende como sendo, “formas pelas quais os seres humanos utilizam seu corpo, estando presentes de modo geral em todas as sociedades, direciona a atenção para o corpo”. Técnicas criadas pela cultura, transmitidas de geração para geração, carregadas de significados característicos e materializadas na forma como o homem anda, corre, trabalha, se alimenta, dança, enfim, existe. O corpo representa as simbologias e necessidades, hábitos e regras.

Deste modo, a preocupação com o corpo, desde o princípio da sociedade industrial, está baseada na produtividade, ou seja, no rendimento e no pensamento médico higienista que nos mostra a “importância” desses valores. Esse pensamento foi evoluindo, se dissipando rapidamente e aderindo-se a novos meios de persuasão. Para uma superprodução há de haver hiper-consumo, e foi a partir desta lógica que o pensamento dominante, ou seja, o estado burguês buscou meios para que essas duas capacidades (produção/consumo) se equilibrassem. Meios estes que Adorno (1986) diz serem produzidos pela “indústria cultural”⁸, que fabrica produtos que atente as necessidades de consumo das massas, ausente de espontaneidade. Segundo Adorno (1986), a Indústria cultural possui características do espírito dominante, e que se mantém a serviço de terceiras pessoas, mantendo sua afinidade com o superado processo de circulação do capital (comércio), no qual tem origem, fornece mercadorias culturais orientadas pelo princípio de comercialização, e não por seu conteúdo e figuração adequada.

⁸ O termo Indústria cultural foi utilizado por Horkheimer e Adorno em seu livro, *Dialektik der Aufklärung* no ano de 1947 em Amsterdã, substituindo um termo que se tornou problemático, a “cultura de massa”, assim enunciando o novo termo “para tentar compreender as condições de produção e reprodução social em uma de suas faces mais importantes, relacionada à mercadorização da cultural” (Vaz, 2003, p.63).

A Indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores. Ela força a união dos domínios, separados a milênios, da arte superior e da arte inferior. Com prejuízo para ambas. A arte superior se vê frustrada de sua seriedade pela especulação sobre o efeito; a inferior perde, através de sua domesticação civilizadora, o elemento de natureza resistente e rudo, que lhe era inerente enquanto o controle social não era total (Adorno, 1986, p. 92).

Com a crescente internacionalização do capital, originando o que se chamou de “multinacionais”⁹, e a ascensão rápida dos meios de comunicação de massa, a indústria cultural ganhou força e ampliou seu poderio na formação da consciência de seus consumidores. Neste sentido, o termo “Indústria” que, há muito tempo é confundido com o sinônimo de fábrica, é, segundo Porter (1985), um mercado que vende a consumidores semelhantes ou estreitamente relacionados. Assim, esse autor se refere hoje ao termo Indústria pauta-se em um conceito mais amplo, que abrange setores como elaboração, produção, distribuição, comercialização, ou seja, um “mercado”. Assim a Indústria cultural, “não é mais obrigada a visar por toda a parte aos interesses do lucro dos quais partiu”, e se transformou no que Adorno chama de “*public relations*”, ou seja, a fabricação de um simples assentimento, sem relação com os produtores ou objetos de venda particular, objetivando vender um consentimento total e não crítico (Adorno, 1986, p. 94).

A relação entre o pensamento dominante e o corpo, já dava sinais de mudança desde o princípio da industrialização, mas é a partir de 1970 que essa relação se torna nitidamente estabelecida. É nos anos 70 que a ginástica de academia e fitness começam a se propagar pelo mundo de maneira mais fervorosa, assim explicitando quais seriam os interesses reais pelo corpo, o de produtor e consumidor. Essa ótica é resultado das articulações impostas pela Indústria cultural ao longo dos anos, criando o que chama Habermas apud Geuss (1988) uma “consciência falsa” nos seus referidos clientes (a massa), assim deformando a concepção de realidade.

O corpo que a priori era considerado como uma máquina produtora, passa a se “transformar” no pensamento capital em mais uma unidade de consumo. Seguindo a lógica de que para maior obtenção capital, é necessário que em algum setor haja uma elevada produção, que se não acompanhada de um hiper-consumo, danificará o sistema. O corpo, que devido aos avanços tecnológicos, como afirma Le Breton (2003, p. 20), tem seu lugar tomado pelas máquinas, não é mais tão primordial, a performance física também não. O corpo passa a ser importante, pela referência que agora faz ao consumo. Fator assegurado pela produção da mídia e dos meios de comunicação de massa, os quais passam a divulgar o corpo ideal, fruto

⁹ Termo que hoje fora substituído por Global.

de sucesso e status social, aliado à ideologia da Indústria cultural, que, como diz Adorno (1986), apela para o sistema das “estrelas”, emprestado da arte individualizada e da sua exploração comercial.

Na contemporaneidade, o corpo se transforma no objetivo do capital e dá indícios de que se aproximará do paradigma apresentado por Le Breton (2003), no qual este será substituído por uma tecnologia avançada e por fim será abandonado constituindo no que o autor chamava de o “adeus ao corpo”, ou aproxima ainda mais do que diz Lara (2004, p. 60), sendo a “edificação dos desejos, da racionalidade, das necessidades humanas”, mascarados pelo interesse do capital.

Há nesse momento um tipo de transferência de responsabilidade que ao longo do tempo fora se construindo. Os cuidados com a saúde e corpo passam a ser transferido aos próprios indivíduos, que por sua vez sofrem influências externas, criando o que Vaz (2003, p. 64) chama de “estado falso de vida”.

O sedentarismo, agravado com os avanços dos meios tecnológicos, começam a acarretar problemas na saúde da população. A solução para esta problemática estaria na “maquinaria do agito”¹⁰, a qual seria o ponto de partida para a “salvação”, assim formula-se a promoção do estilo de vida ativo para o governo de corpos, cria e recria padrões de beleza e influencia a proliferação de práticas e técnicas de intervenção corporal, devido ao forte apelo aos cuidados com o corpo. Para Pedrosa (2000, p. 105), “essa onda de agitação do corpo é resultado desse ‘grande vazio’ deixado na alma das pessoas pela era da caculabilidade”.

Deste modo, corpo objetivado pela indústria (produtor) com o avançar do tempo torna-se o corpo pretendido pelo mercado (consumidor). Essa nova configuração talvez esteja carregada de interesses específicos, dentre eles estaria tratá-lo como consumidor (biológico, passível de transformações) e atribuir todo o cuidado para si através da atividade física, e assim assumindo a “responsabilidade que deveria ser assumida pela estrutura governamental com relação aos setores da saúde” (Silva 2003, p. 54).

¹⁰ Expressão usada por Fraga (2005, p. 17) quando cita uma possível rede mundial de disseminação da atividade física como fator de proteção aos ricos do sedentarismo, e diz ser o “ponto de partida em direção à análise mais geral do governo de corpos no mercado de vida ativa”.

2.2 A beleza corporal

Como afirma Silva (2003), a “preocupação com a beleza corporal parece associada a fortes influências da mídia, que transmite cotidianamente mensagens lembrando os sujeitos sobre os cuidados com a saúde e a beleza corporal” (p. 34), aparentemente indicando uma lógica cultural (de consumo) que relaciona as práticas corporais a determinados padrões de beleza. Sem dúvida a mídia e os meios de comunicação de massa¹¹ fazem referência a um determinado padrão de corpo, e este respeita a lógica de um corpo que no contexto atual de atividades diárias e alimentação seria difícil adquirir. Devido ao desenvolvimento tecnológico e o ritmo de vida contemporâneo, não se mantém o equilíbrio entre o que se consome (alimentos) e as atividades diárias, ficando o balanço energético propenso ao aumento de gordura corporal. As práticas corporais estão inseridas em determinado contexto estruturado e fazem parte, portanto, do repertório simbólico dos sujeitos desse meio social (Silva, 2003, p 37).

A formação de uma consciência falsa se faz necessária para que o indivíduo, mesmo não tendo a necessidade de um corpo nos padrões apresentados pelo pensamento dominante¹², deseje esse corpo e passe a persegui-lo como objetivo, sendo esse ato uma formatação do que pretende a Indústria cultural na formação da consciência de seus consumidores.

O corpo, como exemplifica Soares (2001), como o de “um bom animal”¹³, não é abandonado nos dias atuais, o simples fato de encará-lo como acrítico, passível de transformações que respeitam os sistemas simbólicos dominantes, é encará-lo como um “bom animal” a ser adestrado, não dotado de consciência própria, que, além de produtor, “saudável”, é um potencial consumidor.

Existe uma relação entre o pensamento médico, pautado pelas ciências biológicas, e o conceito de corpo saudável, que ditam uma nova óptica a saúde, de que sua relação com o sucesso estaria intimamente relacionada a exercícios físicos, e estes seriam a salvação. Figueira (2005) relata que o culto ao corpo como prática de saúde está associado à jovialidade, boa forma, jeito atlético e ativo de ser, estando a atividade física, beleza, saúde, articuladas de forma que reafirmem á todo momento o quanto é necessário investir no corpo, educá-lo, consoante aos padrões estéticos de cada tempo e cultura.

¹¹ Mídia está relacionada a um publico específico (consumidor), enquanto os meios de comunicação de massa não vêm especificidade em seu publico.

¹² Pensamento dominante refere-se aos detentores dos meios de produção, comunicação, ou seja, a elite burguesa.

¹³ Soares (2001) quando se refere ao corpo objetivado pela lógica industrial.

Os estudos de Silva (2003) indicam perfeitamente o corpo exposto na mídia, aos praticantes de atividades físicas. Adorno (1986) já explicitava a utilização desse canal de informação como meio de formação de consciências que faziam menção à ideologia da Indústria cultural, utilizando formas simbólicas para atingir o que Mauss (1974) chamou de técnicas corporais, no sentido de direcioná-las segundo sua ideologia, respeitando a “cultura de consumo”.

Carvalho apud Silva (2003, p. 59) afirma que a cultura de consumo “[...] sugere ao indivíduo as mais variadas estratégias no combate à deterioração do corpo e incute nele a idéia de prazer e de ‘auto-expressão’ por meio desse seu ‘objeto’”.

As influências da cultura de consumo levam a compreender o corpo como objeto que está sujeito a um processo de deterioração, assim a atividade física servirá como meio para que esse corpo/objeto possa se recuperar e transmitir uma imagem de corpo saudável associada ao corpo belo, não importando se essa imagem é, de fato, realidade (Silva, 2003, p. 59).

A relação atividade física/saúde tem propósito estabelecido de atuar pela cultura de consumo, assim justifica-se o predomínio da “visão biologicista” do homem nos mais diversos meios de atuação, desde o setor relacionado à saúde ao educacional.

Figueira (2005) cita a influência da revista *Capricho*, sobre os corpos de seus leitores¹⁴. Através da promoção do estilo atlético como forma de produção de uma representação de corpo adolescente feminino, com a manipulação de práticas corporais que levariam a adolescente a essa representação que passa a ser realidade em suas consciências. Sobre isso afirma:

[...] ter um corpo perfeito, trabalhado, esculpido à imagem e semelhança do desejo de cada um é uma tendência que vem se firmando, fazendo parecer serem normais, inerentes, essenciais, portanto, “naturais” do viver a identidade contemporânea. “Não basta apenas ser saudável, mas há de ser belo” (Figueira, 2005).

O modo como o corpo e sua relação com as atividades físicas, se associam à saúde contemporaneamente, está pautada pela beleza e plasticidade do corpo, criando com isso a imagem de corpo saudável, a qual seria de corpo “belo” ligado à construção cultural, aos padrões exigidos pelo esporte de alto nível (Esporte espetáculo), filmes, novelas, revistas entre outros meios de exposição. A beleza corporal corresponde aos sistemas simbólicos sociais que em nossa sociedade, devido ao sistema sócio-econômico estão baseados no acúmulo de capital. Mas como a beleza corporal estaria associada a esse objetivo? Criou-se

¹⁴ Adolescente feminina.

socialmente um modelo de corpo que representa o consumo, por não estar de acordo com os padrões sociais, pois esse corpo necessitaria consumir atividades físicas, produtos farmacológicos entre outros meios para alcançar esse modelo padronizado.

O corpo masculino (anexo B), objetivado nas academias e em diversas práticas corporais, representa o corpo com grande volume de massa muscular “magra”, ou seja, hipertrofiado e com baixo percentual de gordura, representando um indivíduo exageradamente “forte” em uma sociedade em que o avanço tecnológico tende a simplificar cada vez mais as ações das pessoas, um tanto incoerente, se não fosse pela lógica da cultura de consumo. O volume de massa muscular aliado ao baixo percentual de gordura, como os apresentados por determinados atletas e atores de filmes, torna-se representativo de homem forte, status, saúde, ascensão através do corpo, na qual o intelecto passa a ser associado a esse rendimento, e passa a ser um padrão a se seguido.

O enfoque ao corpo feminino (anexo B) estava há algum tempo atrás relacionado primeiramente ao percentual de gordura corporal, à famosa fala das academias “a barriguinha”. Ultimamente não é só a gordura o grande inimigo das mulheres, mas passa-se a associar a esse fator o ganho de massa muscular (anexo C). A associação do fitness com a musculação dentro das academias tem se tornado freqüente. Há quem defenda a idéia que no senso comum significa trabalhar o “aeróbio” e o “anaeróbio” em conjunto, mas na realidade esses fatores fazem correlação com o modelo de corpo feminino apresentado às mulheres cotidianamente. Figueira (2005) associa a relação atividade física, saúde e beleza entre esses fatores e o modelo de corpo a se obter. Podemos observar claramente esses propósitos quando a referida autora relata a exaltação de um comportamento em relação ao outro, em análise da revista *Capricho*, esse meio de comunicação faz a comparação entre duas adolescentes, chegando à conclusão de uma ser “melhor” do que a outra devido ao seu porte atlético enraizado, por suas atividades físicas e por fim pelo seu jeito atlético de ser.

A relação das atividades físicas com o padrão de corpo deve-se à representação delas como produtora de saúde, induzindo a uma aceitação já naturalizada, de que ela pode remediar a doença, pois a grande proximidade com o estilo atlético, a beleza, a juventude, potência e vigor, reforçada pela ideologia apresentada pelo “Esporte”¹⁵, dita o quão “saudável” é o corpo.

¹⁵ Esporte espetáculo, de alto rendimento.

3. Pedagogia para o corpo

3.1 O tempo livre.

A grande preocupação da esfera dominante é com o “tempo livre”¹⁶. É nesse tempo que se insere a real intenção dominante, pois representa um espaço fora do trabalho e suscetível a intervenções apropriadas ao consumo.

É nesse contexto que se apresentam a possibilidade de entretenimento, diversão, lazer entre outros direcionados pela Indústria cultural à ocupação do “tempo livre”, que por viés torna-se vítima de suas mercadorias. Adorno critica desde o que se entende por arte em época de sociedade administrada e Indústria cultural, até a música entendida como popular. Sobre a arte dentro dessa lógica, lhe é retirado o que demasiadamente havia de humano, ou seja, deviam:

[...] expressar os mais sublimes e tensos sentimentos humanos, registrando, suas diversas formas, a dor, o sofrimento, a esperança de felicidade, o medo, o ódio, as paixões de todas as matizes; mostrando, “para além do conceito”, o que haveria de demasiadamente humano - passam a ser produzidas na esfera da circulação e do consumo, para o entretenimento e ocupação do “tempo livre” (Vaz 2003. p. 63).

Em relação à música dita popular, Adorno enuncia que ela possui um ritmo incessante, uma infantilidade, excesso de repetições entediantes, e por fim a banalização não tendo mais nada a haver com o conceito clássico de música, com disposição psicológica ao consumo, condicionando mentes. A música dita popular no Brasil tem se enquadrado a esse conceito apresentado por Adorno. Porém, com um agravante, a hiper-exposição do corpo, criando entre crianças e jovens uma espécie de espartilho corporal, banalizando o corpo, sexualizando-o, vinculando-o a esfera do prazer, tornando-o não dotado de sentimentos e acrítico.

O espaço de tempo que resta ao trabalhador e estudantes, fora das suas atividades obrigatórias, seja ela trabalho ou estudo, é o momento propício para que se instalem “novos ideais”, novas formas de ocupação desse tempo que lhes resta. É exatamente a intenção que os meios pautados na obtenção e acúmulo do capital, tentam se expressar. Nesse espaço, no qual as pessoas estão abertas a novas propostas para as atividades e entretenimentos, que são projetados através dos meios televisivos de massa, opção de consumo, entre outros. Para isso,

¹⁶ Adorno define Tempo livre como o tempo em que as pessoas estão fora do trabalho.

existem profissionais altamente qualificados que tentam dos mais diversos meios convencer, ou seja, criar uma “consciência falsa” para que as pessoas optem por realizar determinadas atividades e não outras, e escolher o que Vaz (2003) chama de Templos contemporâneos (Shopping center, academias, entre outros) para realizar seus “prazeres”.

O que acontece na verdade é uma imensa falta de opções devido a uma repetição incessante de propagandas e programas que tem por finalidade legitimar a lógica do maior consumo, desumanizando as atitudes e sentimentos, direcionando a prática, padronizando gestos, infantilizando idéias. Há muito tempo não se vê propagandas, mesmo em filmes, de piqueniques em parques públicos, ou seja, em lugares que não são pagos, o que na realidade vemos são passeios por Campings, que na verdade são hotéis, e quando não, sobre algum grande magazine despejando suas “idéias” (seus produtos) para uma possível viagem a lugares paradisíacos, criando a imagem do prazer associada ao consumo. Cria-se com isso um estado falso de vida, que Marx apud Vaz (2003) diz não merecer ser adjetivado como humano, o qual a Indústria cultural pretende tornar justificável.

Mas é justamente um dos fenômenos sociais que Vaz (2003) cita ser erigido e não apropriado pela Indústria cultural, ainda que historicamente faça parte de nossa cultura, que se tornou o grande precursor da égide dominante para manutenção do status quo, e que do modo como está posto na sociedade contemporânea reforça cada vez mais os princípios que legitimam essa classe social, esse é o fenômeno chamado Esporte que representa intimamente a lógica da sociedade do capital.

O tempo livre está sujeito à dominação da sociedade mercantil, que exerce influência sobre os indivíduos, assim a referência fundamental é a noção de tempo condicionado, no qual tais indivíduos são dedicados a realizarem experiências que não são definidas por si próprio.

3.2 O Esporte

Horkheimer e Adorno apresentam uma idéia à primeira vista surpreendente, que talvez condense o que seria uma ‘pedagogia para o corpo’ na sociedade contemporânea, fortemente vinculada pelo esporte. Ela diz que no contexto do ‘amor-ódio pelo corpo’, na história subterrânea da desfiguração e do recalque pulsional, o corpo permanece um cadáver, ainda que seja muito exercitado (Vaz, 2003, p. 65).

O Esporte é um fenômeno social sem dúvida, mas também é um dos elementos que mais intimamente reflete as características dessa sociedade contemporânea. Uma sociedade competitiva, na qual a busca pela perfeição tornou-se o objeto de seu maior desejo, refletindo

nas interações sociais de seus membros. O esporte é um fenômeno que se tornou vitrine para idealizar essas interações.

Reconhecidamente o Esporte faz parte da história que ao longo do tempo fora se firmando como um elemento socialmente importante. O esporte é tão importante nesta configuração social atual, a ponto de ter uma Indústria própria, a “Indústria do esporte”, a qual Pitts & Brenda (2002, p. 5) definem:

Indústria do Esporte é o mercado no qual os produtos oferecidos aos clientes relacionam-se a esporte, fitness, recreação ou lazer e podem incluir atividades, bens, serviços, pessoas, lugares ou idéias.

A Indústria do Esporte é com toda certeza um dos mercados que mais cresce no mundo todo. Um dos fatores que com certeza contribuíram para o crescimento e desenvolvimento desta Indústria é o aumento da exposição à mídia de massa, na qual a indústria utiliza diversos meios, desde aliar sua marca a um determinado jogador ou mesmo a um gesto seu, ou até mesmo a chegar a cenários onde talvez seja pouco provável que se jogue determinada modalidade, ou que se pratique uma competição (Ex: jogar futebol sobre de uma prancha de Surf, ou correr em um terreno extremamente irregular, “desfiladeiros”).

Castellani Filho (1985) cita esta idéia da utilização de atletas com a finalidade de estabelecer as relações entre Esporte e sociedade, quando se refere ao mito do desporto, o qual ele relaciona com a criação de uma representação em que a transformação das condições de vida cabe aos próprios indivíduos e depende unicamente de seus esforços, mascarando assim a realidade concreta e contribuindo para a consolidação da ideologia esportiva.

Esporte aqui citado refere-se ao seu eixo principal, o mercadológico, como fenômeno social que fora historicamente apropriado pela Indústria cultural, o que Vaz (2003) acredita ser um fenômeno erigido por ela, e que permanece até hoje como seu mais fiel elemento. Incorporado por um eixo norteador, a competição, característica da sociedade capitalista. Esporte em seu conceito homogêneo¹⁷ (o restrito), compreendido como fenômeno de essência elitista, tem como característica transformar a prática esportiva tornando-a padronizada, através de vestimentas, delimitação do espaço, e o que pode ser mais grave, a “exclusão”. A exclusão aqui citada faz referência ao conceito esportivo de sua prática, ou adapta a seus padrões ou está fora, dizemos aqui que para se vencer no Esporte há que seguir a risca suas regras sem erros.

¹⁷ Esporte no sentido elitista, mercadológico, incorporado pela Indústria cultural.

O Esporte tem o poder de padronizar as técnicas corporais as quais se refere Mauss (1974), e, muito mais que, isso dita o ritmo, e destino das práticas corporais, respeitando interesses dominantes, há nele uma generalização de conceitos específicos de uma classe social para outra. Tornou-se um dos elementos marcantes da Indústria cultural como forma de dominar e administrar o corpo, que internaliza e potencializa a crueldade ao glorificar o sofrimento.

O processo de racionalização do corpo no esporte e no treinamento corporal, corresponde a uma de suas expressões privilegiadas, tem como desdobramento necessário a sua reificação, sua transformação em objeto manipulável, operável, medido, programado (Vaz, 2003, p. 65).

Segundo Vaz (2003), relacionamento entre a técnica e sua condição de medida para o progresso e felicidade humana, visa alcançar utopias, que, para Adorno, a realização tecnológica de antigos desejos humanos se tomada "ontologicamente" esvazia a essência dessas utopias. O potencial destrutivo enquanto meio de produção de crueldade, internalizado nas tendências sociais, por conseguinte no Esporte, apresenta imagens de relações patogênicas como o corpo. Para Vaz (2003, p. 66), na concepção de Adorno:

[...] esporte seria uma adaptação clandestina ao maquinário e a lógica do trabalho, de tal forma que o ser humano os incorporaria, desaparecendo a diferença entre si e a máquina. Isso levaria a um momento ostentador da violência, ao culto à obediência, ao autoritarismo, ao sofrimento e ao masoquismo.

Existe uma íntima relação do esporte com o modelo de corpo apresentado pelos meios de comunicação de massa, essa relação representa intimamente a lógica capitalista. A imagem de corpo apresentada aos diversos segmentos da sociedade está baseada na relação ideal de produção/consumo, mas ocultado pela máscara da "saúde". Esta, encarada como sinônimo de qualidade de vida se faz presente no estereótipo do corpo atlético, fruto do esporte de alto rendimento, padronizado como ideal sem levar em consideração a carga, volume e tempo de treinamento.

Há neste momento uma tendência, como diz Pedrosa (2000, p. 107), na qual a ação cada vez mais se orienta "por objetivos, por interesses e fins, havendo pouco espaço para outras atividades motivadas pelo afeto, por valores éticos ou pela própria tradição".

As conseqüências disso são catastróficas, cria-se uma visão caótica do todo limitando a espontaneidade, produzindo uma padronização de algo pré-estabelecido a uma grande minoria que se difunde a todos os integrantes da sociedade. Este fato não leva em

consideração as variáveis sociais que regem a sociedade brasileira, ou seja, perpetuam valores e modos de vida dominante às demais classes sociais desprovidas de ganhos econômicos relevantes e acessos aos mais diversos benefícios sociais (Ex: atendimento médico decente, respeito aos seus direitos, etc.), ou seja, uma classe a margem da sociedade, e que por força do trabalho sustenta a outra no poder.

Não estamos aqui execrando o Esporte e muito menos negando-o. Pretendemos explicitar sua íntima relação com a Indústria cultural como representação da ideologia dominante, e sua representação perante a “sacralização” e a “glorificação” do sofrimento do corpo, porém não podemos negá-lo como fenômeno social de extrema importância que merece estudos como diz Adorno apud Vaz (2003, p. 65) “[...] seria preciso estudar também a função do esporte, que ainda não foi devidamente conhecida por uma psicologia social crítica”. O esporte como meio de domínio e administração do corpo constitui, como pensa Horkheimer e Adorno, constituir-se-ia em uma “pedagogia para o corpo”, o que não discordo, mas, porém, enfatizaria que poderia ser ele apenas parte dessa pedagogia atualmente.

Há correntes coerentes com o tratamento que se dá ao esporte, como a “Transformação didático pedagógica do esporte”, elaborada pelo professor Elenor Kunz (1994), que trata o esporte em seu sentido “amplo” através de uma perspectiva crítico-emancipatória, reconhecendo a problemática do esporte baseado no rendimento, requerido como espetáculo, além de reconhecê-lo como representação mercadológica, e através desse tratamento propõe uma transformação didático pedagógica tornando o esporte como conteúdo da Educação Física escolar.

Sendo uma produção histórico-cultural, o esporte subordina-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e, por isso, não pode ser afastado das condições a elas inerentes, especialmente no momento em que se lhe atribuem valores educativos para justificá-lo no currículo escolar (Coletivo de autores 1992, p. 70).

Dentro deste contexto está a “Metodologia do ensino da Educação Física”, elaborada pelo Coletivo de Autores. A teoria apresentada pelo Coletivo de autores relaciona toda a problemática da Educação à estrutura social estabelecida, e dentro dessa nova óptica de leitura da realidade através da cultura corporal, propõe, dentre vários conteúdos historicamente construídos pela Educação Física, o esporte, porém pedagogicamente diferenciado do Esporte enquanto ideologia dominante, dizendo “[...] que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte ‘da’ escola e não como o esporte ‘na’ escola” (Coletivo de autores 1992, p. 70).

3.4 Pedagogia para (do) o corpo

Analizando profundamente o esporte e o tempo livre, podemos dizer que Adorno expressa muito bem as intenções no que se refere ao tratamento dado ao corpo. Dizer que existe uma pedagogia para o corpo não significa dizer que haja uma pedagogia para o intelecto e que ambas sejam separadas, assim partindo de uma perspectiva fragmentária. Significa dizer que, quando dizemos corpo não o estamos dissociando de mente, e o mesmo raciocínio vale para a expressão cultura corporal.

A pedagogia para o corpo difere das outras, simplesmente pelo foco a que se observa. Não se “adestra o corpo” se não adestrar a mente. Pretendemos então mostrar a existência do que Adorno chamou de “pedagogia para o corpo”. O autor cita a relação com esportes, música, dentre outros, com a existência de uma relação íntima com o corpo.

Ao longo do tempo foram apresentadas teorias, perspectivas pedagógicas das mais diversas, com discursos desde interesses diversos a interesses específicos, com ciência ou sem ciência, popular ou elitista, assim, deformando a Educação segundo interesses, porém utilizando-se dos meios formadores de opiniões, seja no meio acadêmico, como cita Castellani Filho (1985) quando faz referência à Empresa cultural, ou meio escolar quando Soares (2001) menciona instituições sociais que contribuíram para a disciplinarização da classe trabalhadora.

Contemporaneamente a “pedagogia para o corpo”, tem se mostrado eficaz, pois não acontece somente em instituição determinada, ela abrange os mais diversos segmentos da sociedade que só podem ser vistos por um olhar crítico e profundo. Os métodos pedagógicos são expressivos e persuasivos, acontecem aliando diversão, prazer e obrigação, geralmente tendem a estar associado ao tempo livre, não estão associados desde as brincadeiras infantis até as atividades adultas.

É uma pedagogia que tem os avanços tecnológicos a seu favor, um exemplo claro de que ela tem a tecnologia a seu favor está nos ditos games para computadores e vídeo games, que vão além da estética corporal, é o que se observa em um jogo chamado “Age of Empires”, destinados a crianças e adolescentes. Dentro da trama do jogo está um comando que chama a atenção, é um comando que torna expressiva a performance construtiva de seus indivíduos, e seu nome não poderia ser outro senão “Steroids”. Aqui citamos a lógica e o ressaltado do competir, mas ganhar a qualquer custo, um contraste com a instituição escolar, que além de não dispor de meios tão eficazes, ainda tem de lutar contra um conceito pulverizado.

A televisão constantemente exhibe modelos de corpos, através de propagandas de academias, cosméticos, e o que mais chama a atenção é que ela o usa para os demais segmentos. Procura-se mostrar um corpo atlético, que, de acordo com a realidade brasileira, uma sociedade em que possui uma grande desigualdade social, ficaria difícil se obter, por exemplo, o modismo de inserir “prótese” de silicone nos seios e nádegas, além da prática direcionada para dentro de locais específicos (academias, clubes, etc.) e de alto custo. Em relação aos programas exibidos notamos que há uma hiper-exposição do corpo como objeto sexual, seja de homens ou de mulheres, numa sociedade na qual o corpo é visto como objeto de desejo.

No que abrange o universo infantil, os programas televisivos trabalham com imagens caricaturizadas representativas do mundo e modelo de corpos nele inseridos, dentre esses, podemos citar os desenhos animados, em específico um chamado “Músculo total”¹⁸, no qual são exaltados todos os segmentos e elementos sociais, como o que se diria “musculoso”, exacerbadamente. Este conceito pode ser encontrado em outros diversos desenhos animados de super-heróis, entre os quais podemos citar um exemplo um tanto curioso e até exagerado, chamado “Dragon Ball”, o qual apresenta como um de seus personagens principais um garoto chamado “Goku” (anexo A), que apresenta em sua imagem um corpo musculoso em demasia quando levada em consideração a idade do personagem, que seria de apenas oito anos. Em site apresentado na internet, o personagem é descrito da seguinte forma:

Goku é extremamente forte, ágil e destemido. Entra em qualquer briga se acha que alguém está errado. Geralmente vence porque, além de ter aprendido artes marciais com o avô adotivo (Gohan), Goku não é um típico garoto de 8 anos: possui uma cauda para voar pequenas distâncias e carrega um bastão mágico capaz de crescer tanto quanto o desejado. É dono da nuvem voadora (fonte: <http://tvglobinho.globo.com>).

Neste contexto é que se constroem os símbolos apresentados à massa, repetidamente entre vários segmentos televisivos, são exibidos às diversas faixas etárias o modelo de corpo ideal. Labre (2002) relata ser este corpo apresentado, um modelo “mesomórfico”, que para os homens é por ele caracterizado como a musculatura do tórax, braços e ombros bem desenvolvidos e uma cintura estreita, que começou a ser idealizado na arte da Grécia antiga e Roma e ressurgindo nos anos oitenta e noventa, assim os que apresentam esse padrão de corpo ideal são considerados mais atraentes, e assim melhoram suas relações sociais.

A imagem de homens nus e seminus tornou-se comum na mídia ocidental a partir dos anos oitenta, assim o físico de corpo masculino musculoso é caracterizado agora em

¹⁸ Desenho animado, constituindo parte da programação de um canal de TV chamado JETIX.

numerosos anúncios, junto com o corpo feminino idealizado como ideal, ou seja, com baixo percentual de gordura (magro). Fatos estes que caracterizam o ideal de corpos apresentados em revistas tanto masculinas quanto femininas (Labre 2002, p. 234).

Pope Jr. et al apud Labre (2002, p. 234) cita que o corpo ideal masculino caracterizado atualmente pela mídia, “hiper-másculo”, somente fora possível através do desenvolvimento de EAA. Primeiramente usado por fisiculturistas nos anos quarenta e cinquenta, os EAA contribuíram para o desenvolvimento de um modelo de corpo caracterizado por uma quantia desproporcionada de músculos desenvolvidos em ombros e braços.

Nesses contextos que estão estruturados os pensamentos dominantes dentro da pedagogia para o corpo, que, como diz Pedrosa (2000, p. 108), “Num mundo instrumentalizado, onde somente são válidas as ações que sirvam para atingir algum fim prático e útil, todas as ações dos indivíduos tendem a submeter-se a esta lógica: o corpo torna-se mero instrumento”.

A pedagogia para o corpo enunciada por Adorno, posiciona-se do lado oposto aos objetivos da Educação Física escolar. Os objetivos pertinentes ao âmbito escolar devem estar pautados na leitura da realidade para sua transformação, assim contribuindo para uma possível emancipação desta ideologia posta pelos meios dominantes, e com isso:

[...] não cair na tentação fácil de achar que a Educação Física é capaz de moldar ou adestrar corpos e mentes e levá-los a um admirável mundo novo, higiênico, saudável, perfeito (Vargas, 1990, p. 33).

Reconhecer a existência de uma “estrutura maior” que prega este tipo de pedagogia de interesses dominantes, constitui-se em uma leitura realista, mas o simples fato de tornar-se passivo, indiferente, torna-se uma das maiores contribuições a este tipo de doutrina educacional. Devem-se buscar meios para superar/emancipar o pensamento em prol ao elitismo, nesta jornada está o interesse em superar o dualismo do corpo e homem como ser puramente biológico e condicionável/adestrável, que a ideologia hegemônica tenta nos passar como senso comum.

As idéias hegemônicas, passadas pelas relações pedagógicas, sempre desenvolveram o senso comum. Mas para o desenvolvimento deste senso comum, admiti-se um certo grau de liberdade. É esta a chance de se apresentar uma contra-ideologia, a de passar do senso comum à consciência filosófica (Grupo de trabalho pedagógico UFPe/UFSM 1991, p. 49).

Existem inúmeras maneiras de contribuir para que ocorra a mercadorização do corpo, o que não podemos aceitar é que a Educação Física contribua para isso, seja pela real intenção, pela omissão, pela falta de informação ou qualquer outro motivo. Pautado na LDB

(lei 9.394/96) através de temas transversais citados nos PCN's, são permitidos por lei a inclusão de conteúdos que tratam de assuntos relacionados à realidade cotidiana dos alunos.

Portanto, a relação corpo, esteróides, adolescentes e escola merecem atenção pedagógica adequada à perspectiva histórico-cultural, a qual o ser humano é tratado do triplice ponto de vista (biológico, sociológico, psicológico), proporcionando ao aluno um aprendizado diferente do que tem sido o das desigualdades. Assim:

O conhecimento da realidade à luz da dialética, o reconhecimento dos determinismos sócio-econômico-político-culturais e educacionais, a identificação e experimentação de formas de superação e as possibilidades de visualização da concretização de novas tendências animam a esperança de que educação física e esportes venham a ter outras dimensões sociais e políticas, diferentes daquelas que até hoje vêm sendo predominantemente sustentadas (Grupo de trabalho pedagógico UFPe/UFSM 1991, p. 50).

4. Relação: treinamento x corpo

Há uma estreita relação entre o treinamento e o corpo desejado. A grande problemática está nesse corpo “desejado”, o que Labre (2002) aponta ser o ideal masculino um corpo musculoso, mesomórfico, que aponta para grupos musculares exacerbados em regiões distintas do corpo, e reconhece que o corpo feminino representa um corpo “magro”, este apontado por Figueira (2005) como corpo atlético, ou seja, o mesmo apresentado por atletas.

A relação problemática do corpo apresentado pela mídia e o treinamento esportivo ou de academia, está no modelo simbolizado apresentado como pronto, o qual passa por rigorosa avaliação e seleção. Não é qualquer corpo que está exposto aos olhares da massa, é um corpo que apresenta traços específicos, que não respeita a regionalidade, assim são construídos os padrões de corpos a serem expostos.

Existem fatores relacionados ao treinamento esportivo que estão intimamente inseridos na seleção de “talentos”. São fatores que respeitam a composição genética, características antropométricas, características estruturais e funcionais do músculo esquelético, idade biológica, potencial de desenvolvimento das capacidades motoras e ritmo de crescimento, habilidade motora, entre outros. Aspectos esses que pleiteiam os futuros campeões, portanto, todos esses parâmetros de avaliação e seleção seguem dados obtidos de atletas já campeões.

O corpo exibido por atletas, sejam eles campeões ou não, seguem certo rigor de seleção, além do tempo e carga de treinamento, usados para que esse corpo se torne igual aos moldes apresentados. Porém o corpo atlético apresentado através da mídia tem a preferência por títulos esportivos, além de serem selecionados os “mais belos” entre eles.

É comum a imagem de corpos fragmentados em banners, cartazes, outdoors, revistas, etc., mostra-se o abdômen “trincado”¹⁹, braços musculosos, ombros e tórax muscularmente desenvolvidos, que servem muitas vezes como propaganda de produtos para emagrecimento, suplementos alimentares, roupas “direcionadas” a esportistas, ou seja, a imagem de partes do corpo separada do indivíduo. Também é comum a imagem de atletas associados a esses produtos, ou mais precisamente, a imagem de seus corpos.

¹⁹ Expressão utilizada no dito popular sobre abdômen fruto de muito treino e baixo percentual de gordura, sinônimo de abdômen “definido”.

Atletas de alto nível seguem uma periodização de treinamento, e provavelmente trabalham com alta intensidade de treino na maioria do período, além de ter tempo mínimo de treino diário necessário para aumento de performance, que supostamente em algumas modalidades chegam a ser mais de quatro horas, sua alimentação é balanceada com horários pré-determinados, além de realizarem testes corriqueiramente, há também um controle sobre sua conduta extra treino. Essas são as configurações que fazem com que o atleta esportivo obtenha um corpo com níveis baixo de gordura e um bom desenvolvimento muscular.

Labre (2002) considera que a busca dos adolescentes do sexo masculino é por um corpo atlético representado por modalidades esportivas que detém alta exigência de força e velocidade, porém um pouco mais aproximado de fisiculturistas, um corpo de aparência musculoso, que pelo vigor físico supostamente apresentado torna se representativo de “saúde e força”. O corpo feminino “objetivado” entre adolescentes assemelha-se, segundo Figueira (2002), a atletas esportivos por possuírem um corpo dito “malhado”, ou seja, fruto de “muito treino”.

A adolescência é uma fase na qual o jovem sente a necessidade de se firmar no meio social, sentindo a necessidade de ser encarado como adulto. Tanto Labre (2002) como Figueira (2005) citam que o prazer em ter um corpo ideal está relacionado ao olhar do outro, ou seja, o fazem sentir-se atraente, e traz a quem detém esse corpo melhorias nas relações sociais.

Carreira Filho (2005, p.105) em análise aos dados obtidos em seu estudo, relata que a busca por corpos perfeitos, para ambos os gêneros, “apresentam-se como resposta dos adolescentes às exigências da sociedade que determina formas e cores”. Ainda cita que a busca e o uso de EAA por jovens brasileiros²⁰ está bem mais relacionado à modelagem corporal, do que a prática de atividades competitivas. Aponta também que isso vale para uma boa parcela de jovens que não praticam atividades físicas além das aulas de educação física, e relata:

Mesmo entre aqueles que se declaram usuários de substâncias químicas com a finalidade de conquista de modificações corporais, foram encontradas baixas porcentagens dos que praticam tais atividades com finalidade de rendimento esportivo. Esses usuários não demonstram dedicar-se a práticas com frequência e duração quer permitam serem considerados como praticantes com finalidade de rendimento (Carreira Filho 2005, p. 106).

²⁰ População de ambos os gêneros, com idade compreendida entre 14 e 18 anos, que se encontravam regularmente matriculados e freqüentando as escolas de ensino fundamental e médio, tanto particulares (n=14) quanto públicas (n=15) da cidade de São Caetano do Sul, São Paulo.

A necessidade de obter um corpo “socialmente aceito” em um curto espaço de tempo, não condiz com o mesmo tempo apresentado para sua obtenção dentro de um treinamento adequado, ou mesmo a relação com o treinamento esportivo de alto nível. Como afirma Carreira Filho (2005), o adolescente masculino apresenta tendências corporais, nas quais o objetivo é o aumento de massa muscular (hipertrofia), enquanto o feminino a principal preocupação estão na redução da gordura corporal, assim a carga, intensidade, volume e principalmente o tempo de treino se colocados em uma periodização, para que tais adolescentes alcançassem esse corpo ideal, seria longa, sem considerarmos o fato que o corpo exposto pertence ao “outro” e que por fatores tanto sócio-econômicos quanto biológicos torna-se praticamente inviável considerar tal corpo como acessível a todos.

ACSM (2002, p. 369) relata que dentro de um treinamento hipertrófico, os resultados de ganhos de massa teriam evidência após seis a sete semanas do início do treino, aliado a alimentação regular e orientada respeitando o tempo necessário e repouso para síntese protéica. Para iniciantes teriam de ser trabalhados exercícios com 60% a 70% de uma repetição máxima (1 RM), sendo um a três exercícios por grupo muscular com oito a doze repetições, durante duas a três vezes por semana. As pessoas em estágio de treinamento avançado esses números aumentam consideravelmente, sendo trabalhados 70% a 100% com ênfase de 70% a 85% da periodização, treinável em múltiplas séries durante quatro a seis dias por semana.

Os dados acima apontam o quanto seria necessário de esforço para realizar um treinamento pautado no ganho de massa muscular, sem tomar em consideração as medições necessárias e a composição corporal do indivíduo, além dos fatores genéticos “pertinentes”. Um dos aspectos que talvez contribua para que os adolescentes busquem o uso/abuso de substâncias que “auxiliem” no treinamento, é o fato de que o esforço e dedicação ao treino necessitam ser intensos, o que na realidade brasileira tanto para jovens quanto para adultos, configura-se restrito a poucos.

Há falta de acesso a informações pertinentes, tanto a professores e alunos como instrutores e praticantes de atividades físicas, para que se construa autonomia dentro do treinamento. É o que talvez caracterize os dados obtidos por Carreira Filho (2005), quando relata o uso dessas substâncias por jovens que não praticam atividades físicas, além das aulas de educação física.

A aparência, o avançar da idade, e a manutenção da busca desse corpo tido como ideal, contrastando com ritmo de vida da população brasileira, em que poucos jovens têm acesso a academias e centro de treinamentos de qualidade, a falta e desordem fragmentaria de

conhecimentos, torna-se nos dias atuais um constructo caótico na busca de um corpo “perfeito”, afetando os métodos e efeitos do treinamento.

São anos de treinamento para que um fisiculturista alcance o corpo desejado, não considerando o uso ou não de substâncias farmacológicas para tal feito, porém para o adolescente masculino há uma necessidade imediata de obter um corpo nesses moldes. Assim este muitas vezes recorre ao uso de substâncias como esteróides anabólicos sem mesmo alia-los ao treinamento. Relatos como o de Carreira Filho (2005) indica que jovens estão associando o modelo de corpo ao uso substâncias deste gênero, sem relacionar qualquer tipo de treinamento, ou busca de desempenho esportivo.

A busca do corpo ideal e sua relação com o treinamento, acarretam, em alguns casos, o que se chama de over training em não atletas, e também como relatam alguns estudos, uma patologia chamada Vigorexia ou Complexo de Adonis caracterizada pela crise na obsessão pelo vigor do corpo masculino acarretando problemas psicológicos, biológicos e sociais (Pope Jr. et al 2000).

A difusão das práticas corporais difundidas pela mídia, as quais são dadas suma importância às questões que envolvem a aptidão física, sofrem grande influência das ciências médicas e biológicas, assim são orientadas por tabelas, cargas, intensidades, volumes, tipos e quantidades de exercícios, seguindo variáveis com base na aptidão física da média populacional, com certo tipo de generalização suprimindo a singularidade e a particularidade cultural dos indivíduos.

5. “O espelho social”

Na adolescência, o corpo infantil é perdido e há um crescimento rápido e desproporcional, acarretando mudanças bruscas que não permitem uma adaptação harmônica dos processos, assim resultando na perda de domínio do seu corpo, tornando-o um tanto “desajeitado”.

A perda do domínio obtido na infância e a necessidade de aceitação social no mundo adulto, acompanhado paralelamente pelos efeitos ideológicos dominantes expostos através de bombardeios pela mídia, criam um imediatismo nas relações sociais adolescentes. Imediatismo que sofre grande influência das informações desordenadas ou mesmo a falta delas, nessa fase de turbulência.

Em sua maioria, as informações que chegam até os adolescentes tornam-se através do bombardeio exposto pela mídia de massa, fragmentaria e caótica. Esse emaranhado de conhecimentos talvez contribuam para aumentar a visão caótica de si mesmo e das interações sociais, traduzindo-se em uma enorme vulnerabilidade às informações e seus conteúdos. O resultado disso é o descontentamento com o corpo, tornando o adolescente suscetível à “pedagogia para o corpo”.

O corpo se torna na sociedade moderna um emblema de si, a imagem que o homem pretende passar aos outros, é o que influencia na qualidade de sua presença e nas suas relações sociais. Torna-se a aparência uma estrutura simbólica reivindicada socialmente, sendo considerada utopicamente capaz de modificar a “personalidade” e a representação de si para o outro, aspectos que para os adolescentes, transfiguram-no em adulto.

A necessidade imediata que se constrói culturalmente de obter um corpo socialmente aceito, pode levar os adolescentes a buscar diversos meios para que isso aconteça, entre eles está o “milagre” dos EAA que em sua maioria trazem informações como a hipertrofia de músculos e a perda de gordura, portando, valendo-se de informações difusas os adolescentes ficam expostos a reais efeitos e prejuízos que essas substâncias podem ocasionar.

As diversas pesquisas existentes, porém escassas no Brasil, em especial as analisadas neste estudo, trazem consigo problemáticas que dizem respeito à acessibilidade de informações, devido aos meios nos quais são divulgados e também pela linguagem utilizada. Junto a isso, está a falta de interesse dos professores em apropriar-se desta temática e utilizá-la em suas aulas. Assim, procurou-se neste estudo verificar a concepção de corpo e ser

humano, a clareza de conteúdo, a disponibilidade de acesso, e a aplicabilidade dos conteúdos no contexto escolar.

Concepção de corpo e ser humano:

Em relação à concepção de corpo e ser humano, os estudos analisados fazem referência ao homem não somente como biológico, e este fora um dos fatores que contribuíram para que fossem selecionados dentre os demais, os quais mencionavam somente o homem pela sua perspectiva biológica de caráter médico²¹. O fato dos estudos selecionados não encarar o homem como ser apenas biológico não significa que o tratam como histórico-cultural, e crítico.

Irving et al (2002) classifica seus estudos em categorias de análise como fatores pessoais, sócio-ambientais e comportamentais. Essas categorias não possuem um eixo histórico-cultural, remetem a relação entre o uso de esteróides por adolescentes e as influências e conseqüências nas relações pessoais, comportamentais, e sócio-ambientais. Assim cita um possível perfil de usuários, separando gêneros, etnia, e sua referência ao corpo que condiz com o modelo já posto pela sociedade mercantil erigido pela Indústria cultural, não realizando assim qualquer historicidade ou crítica nesta relação.

Nutter (1997) faz um estudo também referente ao uso dessas substâncias farmacológicas, relacionando os perfis psicológicos, comportamentais e sociais dos adolescentes propensos ao uso de esteróides. Neste estudo, está posto o acesso a informações, e o autor relata um dado de suma importância quando cita que 79% dos usuários disseram que tem acesso a elas, mas os efeitos colaterais nunca são bem explicados. Os estudos de Faigenbaum et al (1998) caminham pela mesma linha de pesquisa, porém relatando através de questionário o que os adolescentes sabem e pensam sobre os EAA. Não se faz nestas pesquisas nenhuma referência ao corpo histórico-cultural, assim ficando mascarada a realidade na qual a intenção mercadológica está intrínseca, solidificando os interesses da cultura de consumo, talvez ocultando a intenção deste modelo corporal como “mercadoria cultural” (Adorno, 1986, p. 93).

Carreira Filho (2005) e Labre (2002) relacionam o modelo de corpo como importante fator relacionado ao uso de substâncias farmacológicas. Labre (2002) busca esclarecer o modelo de corpo ideal masculino, e com isso percorre um vasto caminho que vai desde a construção cinematográfica a práticas corporais, condizendo com o padrão de beleza apresentado por Silva (2003) e Figueira (2005). Também relaciona a problemática do

²¹ Estudos que consideravam os efeitos maléficos ou benéficos dos esteróides (hormônios) à saúde, a qual é considerada como puramente relacionada aos aspectos fisiológicos.

consumo de produtos para a obtenção deste corpo ideal (musculoso, anexo B, C). Há certa relação histórico-cultural na construção do corpo, porém não esclarece os interesses mercadológicos inerentes a ele.

A pesquisa de Carreira Filho (2005) está relacionada à área da Saúde (médica), sendo assim, cita o uso/abuso de substâncias químicas por adolescentes com a finalidade de modelagem corporal, assemelhando-se ao que diz IRIART, J. A. B. and Andrade, T. M. de (2002). O estudo traz dados importantes à realidade brasileira, a modelagem corporal é apontada como aspecto de alta influência no consumo de esteróides anabólicos, enquanto em outros estudos relacionados a diferentes culturas (Ex: Cultura norte americana) relacionam o uso ao rendimento esportivo. Contudo o autor não menciona uma possível construção “cultural” desta relação ou do uso dos EAA.

Ambos, autores citam como meio de disseminação, a mídia, também compreendida como meio influente por Silva (2003). Porém, estes estudos talvez não tenham propósito de elucidar os possíveis interesses que possam existir por traz desse meio de comunicação e nem a quem eles pertencem, o que não acontece no dizer de Silva (2003) que atribui à mídia a transmissão de um conjunto de significados e valores que induzem ao consumo e a mudança de hábitos de vida. Assim o interesse mercadológico pelo corpo historicamente construído não está divulgado nesses estudos em sua totalidade, ficando deste modo exposto à pedagogia para o corpo pela falta de questionamento ao modelo corporal propagado pela Indústria cultural.

IRIART, J. A. B. and Andrade, T. M. de (2002) transcreve em seu estudo as consequências da crescente valorização do corpo nas sociedades de consumo (pós-industriais) exposto através dos meios de comunicação de massa, que reflete o corpo padrão, inflado de músculos, condizendo ao modelo exemplificado por Pope Jr. et al (2000), concluindo que talvez isso possa estar acarretando um número crescente de jovens adeptos. Neste estudo há posição sobre os interesses pelo corpo, porém realizado em um grupo específico (fisiculturistas), ou seja, pessoas que trabalham com corpo na busca estética desejada. A concepção de corpo está de acordo com os interesses mercadológicos, porém o estudo não faz uma relação histórica de como se chegou a este modelo e a possível suscetibilidade a pedagogia citada por Adorno.

Clareza dos conteúdos:

A grande problemática dos estudos científicos atuais é sua dificuldade de acesso e linguagem/clareza. As maiorias das publicações científicas relacionadas ao tema aqui exposto, estão em outro idioma (inglês). Portanto, além do rigor científico no que se refere aos termos técnicos (dificultando a leitura para pessoas pouco instruídas, sobre determinado assunto), relatam somente ser assunto de suma importância a ser tratado por técnicos, treinadores, e por fim professores da escola. Com isso não contribuem para que os professores ou mesmo profissionais que lidam com a educação de alguma forma (treinadores, professores do ramo informal, etc.) façam uma apropriação e adequação destas informações tornando-as acessíveis e claras ao público adolescente e até mesmo ao público em geral. Sua aplicabilidade direcionada a instituições públicas, escolar, como por exemplo, foi desenvolvido sobre o conteúdo “esporte” por alguns autores (como Coletivos de autores, 1996, Kunz, 1994), no que diz respeito à leitura da realidade e sua aplicação referente aos conteúdos historicamente construídos.

Portanto, carregam consigo certa dificuldade devido à acessibilidade de conteúdo. A linguagem usada dificulta o acesso a profissionais que não tenham aprofundamentos sobre o assunto (históricos, culturais, químicos, fisiológicos, etc.), referente a seu caráter acadêmico, assim acarretando problemas na compreensão de seus conteúdos, sendo que os referidos estudos não mencionam uma possível construção cultural do corpo, não trabalham com a concepção tríplice de “Homem total”.

Disponibilidade de acesso:

No que se refere à disponibilidade, em sua maioria estão em domínios virtuais que requerem assinaturas de títulos. Esse fora um dos problemas que dificultaram inicialmente a coleta de dados desse estudo, pois vários dos artigos aqui selecionados estavam em domínio que momentaneamente estivera sem a assinatura da universidade (Unicamp), como exemplo a base de dados Scopus. Assim, as pessoas que porventura não tiverem acesso a esses domínios ficam restritas as informações, pouco aprofundadas devido à falta de pesquisas nessas dimensões disponíveis ao público. Ao passo que nos referentes estudos analisados de caráter nacional apontam para a falta de estudos sobre esse tema (EAA).

Aplicabilidade dos conteúdos na escola:

O uso/abuso dessas substâncias farmacológicas quando associado à idade inicial independentemente do gênero, apontam para a faixa etária entre 13, 14 e 15 anos (Nutter, 1997, Bahrke, 2000, Irving et al, 2002). Sobre essa faixa etária Carreira Filho (2005) cita,

dentre vários estudos brasileiros, ser este o “momento da vida dos seres humanos que é mais vulnerável ao uso de substâncias químicas lícitas ou ilícitas” (p. 105). Dados esses que confirmam a necessidade de extrema atenção em relação a essa faixa etária (adolescência), sendo que nos mesmos estudos há menção de relação ao uso dessas “drogas” com o uso de outras drogas ilícitas²², problemas estes que a instituição escolar vem enfrentando no cotidiano.

A escola é um dos campos estudados em algumas publicações mencionadas nesse estudo, apesar de pesquisas como Faigenbaum et al (1998), Nutter (1997), Carreira Filho (2005), realizarem seus estudos no âmbito escolar, pouco relatam sobre sua aplicabilidade. Em relação a isso fazem citações alegando a importância de um conteúdo dessa magnitude ser tratado por professores da escola, porém não apontam os possíveis caminhos para que isso aconteça, ficando assim comprometido sua aplicação na instituição escolar.

Supostamente as poucas pesquisas realizadas com competência no assunto em questão, não conseguem fugir da visão mercadológica da sociedade do consumo. Carregam consigo dados importantes, porém não são direcionados a um trato pedagógico, ficando assim a mercê de quem os observa usufruí-los aleatoriamente com ou sem consciência da realidade, e a consequência disso talvez possa refletir em informações difusas ou distorcidas contribuindo para uma construção sincrética da realidade. Contudo, a deficiência na aplicabilidade escolar, clareza das idéias, e concepções de corpo e ser humano se dá em grande parte nesses estudos, porque possivelmente obedecem à lógica mercantil da sociedade de consumo pós-industrial.

Os estudos contem dados relevantes, porém, por carecerem relações pedagógicas que visem superar a realidade mascarada pela ideologia hegemônica, tornam-se críticos-reprodutivos, que explicam o mecanismo de funcionamento tal como são constituídos. Isso talvez considere, pelo seu caráter reprodutivo, as relações pedagógicas e sociais não diferentes do que são, o que nos leva a pensar numa manutenção social hegemônica vigente.

²² Dentre as drogas ilícitas está a cocaína que por sinal é um estimulante comumente usado para suprimir a fome e como consequência acarretando emagrecimento.

Considerações Finais

A visão de corpo e ser humano, contida nos estudos analisados refletem uma concepção sincrética, sendo que a relação sócio-histórico-cultural do homem total não é encarada como fator primordial na construção dos conhecimentos. Talvez expondo a visão de homem como objeto já pronto, não dotado de historicidade e cultura.

Essa óptica amparada pela inacessibilidade desses estudos no que se refere à disponibilidade e conteúdo, uma vez que encontram-se em domínio virtual inacessível aos não assinantes e também em sua maioria esses estudos carregam consigo outro idioma, dificultam a aplicação destes conteúdos na escola. Diante disso os professores supostamente não buscam incorporar em seus conteúdos escolares discussões atuais, críticas e pertinentes à educação de adolescentes, tornando essa possível passividade e omissão, uma contribuição à lógica mercantil do corpo.

Notavelmente são altos os investimentos em ciência para que se desenvolva qualquer substância farmacológica. É de se analisar também que mesmos as drogas ilícitas (ilegais) são elaboradas diante de investimentos científicos, tanto para sua descoberta quanto para fabricação. O mesmo acontece com os EAA, que no Brasil não são consideradas drogas ilícitas e sim um medicamento e, portanto, para utilizá-lo basta ter em mãos uma receita médica. A distribuição dessas substâncias sem receita médica, portanto fora de uma farmácia caracteriza-se em tráfico de drogas.

Os estudos analisados apontam relações íntimas de suma relevância entre o uso/abuso de EAA com as demais drogas ilícitas, supostamente os investimentos tanto em pesquisa, quanto em fabricação e distribuição igualam-se aos de divulgação. Portanto, talvez seja coerente o reconhecimento de interesses pela aparência padronizada e repetitiva, que nos leva a pensar ser a criação de um estereótipo dessa cultura.

O corpo como produto mercadológico construído culturalmente, refletido pelos meios de comunicação de massa, torna-se parte de uma pedagogia dotada de avanços. A pedagogia para o corpo conta com métodos um tanto eficaz, constituídos pela mais alta tecnologia e passíveis de ciência moderna, aliado a altos investimentos em divulgações. Aliado a isso está o tempo livre, no qual as pessoas livram-se das tensões do trabalho e estudos, com entretenimentos oferecidos pela indústria cultural.

Esses entretenimentos são oferecidos na forma de jogos de computadores, games, filmes cinematográficos, dentre os mais diversos tipos de propagandas. Com isso trabalham repetidamente sem meios de interação, tornando assim exposições ideológicas monológicas. Se comparados com o que os professores da escola fazem na sala de aula, podemos observar nítida diferença:

- Primeiramente a flexibilidade do horário, refletindo uma pseudo-liberdade de “escolha”²³, em relação à sala de aula na qual o professor tem que organizar seguindo um horário pré-determinado.
- Os meios de exibição e clareza das idéias, as quais são transmitidas através das elaborações de pessoas especializadas com apoio da ciência, e aparatos tecnológicos, enquanto os professores encontram-se na maioria das vezes sem amparo da tecnologia e solitários diante de inúmeros empecilhos.
- Atualmente, os jovens estão muito mais expostos a “informações” e “diversões” do que fora antes, portanto, isto pode configurar no âmbito escolar uma nítida desatenção aos conteúdos propostos que não tenham um elo de ligação com estas informações, uma vez que o que é oferecido fora da escola tornou-se sinônimo de desejo e prazer.
- O corpo ao longo do tempo fora tratado pela instituição escolar com visões conservadoras (ex: vestimentas, postura, etc.), enquanto “fora dos muros” da escola tornava-se eixo principal para constituir pedagogias de interesse mercantil.

São inúmeras as desvantagens que a educação escolar apresenta perante a pedagógica dominante. Numa configuração pessimista poderíamos dizer que a instituição escolar forma cidadãos para essa sociedade de consumo, contribuindo com a cultura de massa, para isso citaria como um dos aspectos de contribuição o tratamento que fora dado ao esporte ao longo do tempo até os dias atuais.

Não se desenvolvem jogos de games e computadores com finalidades educacionais claras que sejam divulgados na mídia, nem “superproduções” cinematográficas esclarecedoras da realidade, há sempre um fim capital que por interesse não incentiva a autonomia de seus consumidores. Cria-se com isso uma relação de dependência, na qual o cidadão torna-se um “telespectador” que assiste a programas que ditam qual irá ser o seu próximo divertimento, sua fonte de prazer.

²³ Pseudo-liberdade está aqui relacionada à liberdade direcionada condicionada pela consciência falsa.

O corpo como primeira entidade nas relações sociais torna-se objeto manipulável pela ideologia elitista, passa a carregar consigo as marcas de uma sociedade padronizada por interesses específicos, na qual a educação talvez seja vista como meio de adestramento/condicionamento. A saúde nesses moldes é vista como meio de redução de gastos, além de ser considerada instrumento a favorecer o consumo, buscando generalizações e o desenvolvimento do senso comum.

Não seria incoerente propormos baseados nesses termos, amparados pela LDB (lei 9.394/96) através dos temas transversais explicitados nos PCN's, um tratamento pedagógico que buscasse superar nas aulas de educação física além da visão dualista do corpo, a superação da visão mercantil através de estudos que considerem aspectos sócio-histórico-culturais contribuindo para a concepção do "homem total". Já que a realidade educacional brasileira mostra-se dramática, há de se buscar meios para que isso mude, uma vez que os investimentos não são os mesmos comparados com os que a cultura de consumo dispõe.

Contudo faz-se necessária uma leitura concreta e contextualizada da realidade, baseada na perspectiva sócio-histórico-cultural, que por sua vez, não se faz sem passar por uma visão histórico-estrutural de classe. Com isso compreender a estrutura social vigente, e a partir desse reconhecimento procurar transformá-la, para que se possa superar/emancipar-se dessa ideologia imposta.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T. W. *A indústria cultural*. In: COHN, G. (org). *Theodor W. Adorno: Sociologia*. São Paulo: Ática. Grandes Cientistas Sociais, 54. 1986.
- BÄHRKE, M. S. et al. *J.A. Risk factors associated with anabolic-androgenic steroid use among adolescent*. Sport medicine, v. 6 n.29 p. 397-405, 2000.
- BETTELHEIM, Bruno. *O coração informado: autonomia na era da massificação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- BRUHNS, H. T. (org) *Conversando sobre o corpo*. Campinas/SP, Papirus, 1985.
- CARNEIRO, Moacir A. *LDB fácil: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo*. Petrópolis/RJ; Vozes, 1998.
- CARREIRA FILHO, Daniel. *Prevalência do uso de substâncias químicas entre adolescentes, com finalidade de modelagem corporal*. In. *Revista brasileira de ciências do esporte*, Campinas/SP, Autores Associados, v. 27, n. 1, p. 93-111, set. 2005.
- CASTELLANI F, Lino. *Política Educacional e Educação Física*. Campinas/SP, Autores Associados, 1998.
- CASTELLANI F, Lino. *Atividades corporais: fenômeno cultural?* In. BRUHNS, H. T. (org) *Conversando sobre o corpo*. Campinas/SP, Papirus, 1985.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. 3ª edição. São Paulo/SP, Editora Cortez, 1996.
- DÁLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas/SP, Editora Papirus, 1995.
- FAIGENBAUM, AD, Zaichkowsky LD, Gardner DE, et al. *Anabolic steroid use by male and female middle-school students*. Pediatrics 1998;101:e6.
- FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. *A promoção do estilo atlético na revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo*. In. *Revista brasileira de ciências do esporte*, Campinas/SP, Autores Associados, v. 26, n. 2, p.7-180, jan. 2005.
- FRAGA, Alex B. *Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI*. In. SOARES, Carmen L. (org) *Corpo e História*. Campinas/SP; Autores Associados, 2001.

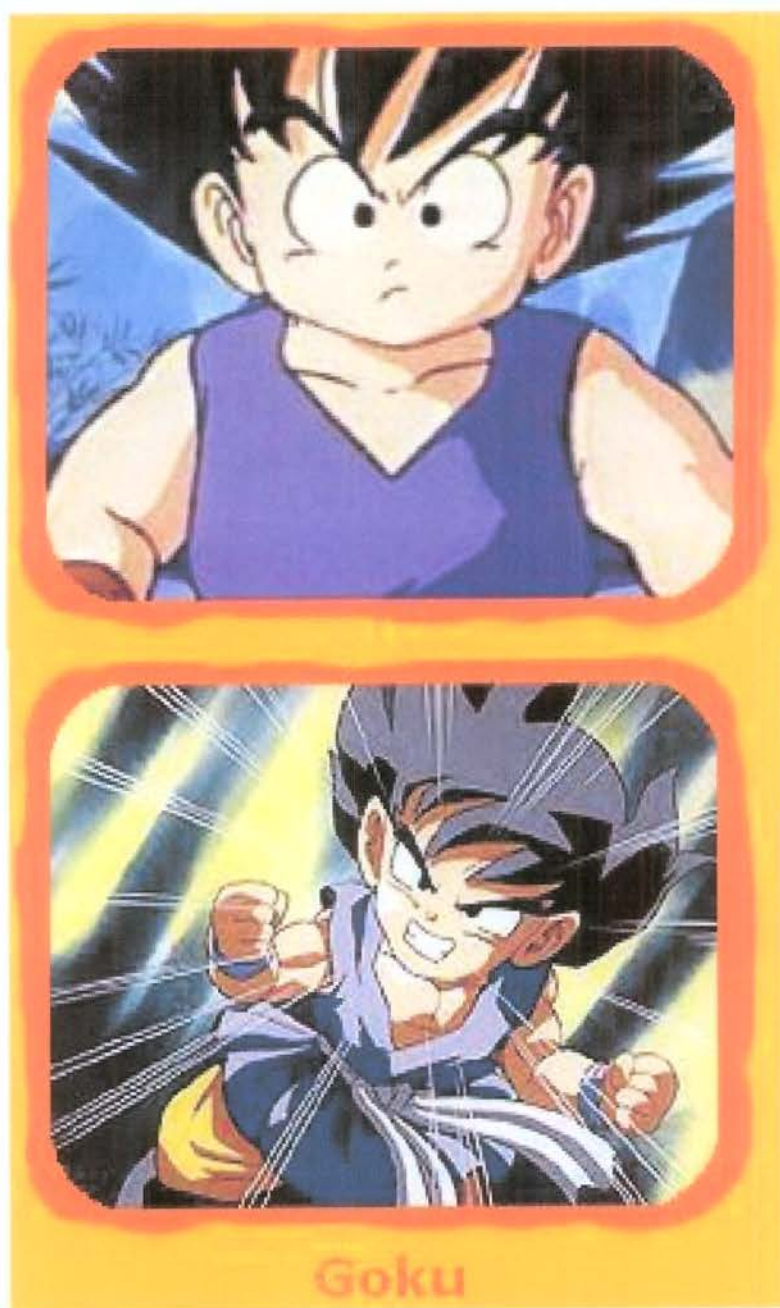
- FRAGA, Alex Branco. *Exercício da informação: governo de corpos no mercado da vida ativa*. 2005. 173 f. Tese (Doutorado) - Educação, Departamento de Pós Graduação, Faculdade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- GEUSS, Raymond. *Teoria crítica: Habermas e a Escola de Frankfurt*. Campinas. PAPIRUS, 1988.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO (UFPE/UFSM). *Visão didática da educação física: Análises críticas e exemplos práticos de aula*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1991.
- <http://www.fisiculturismo.com.br>: acessado em 09/10/2005.
- http://programacao.jetix.com.br/programacion/diaria_br.asp: acessado em 23/09/2005
- <http://tvglobinho.globo.com/TVGlobinho/0,6993,1855-p-3865-5890,00.html>: acessado em 23/09/2005
- IRLART, Jorge Alberto Bernstein and Andrade, Tarcísio Matos de *Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil*. *Cad. Saúde Pública*, Out 2002, vol.18, no.5, p.1379-1387. ISSN 0102-311X.
- IRVING, Lori M. *Steroid Use Among Adolescents: Findings From Project EAT*. *Journal of adolescent Health* 2002;30:243-252.
- KUNZ, E. *Transformação didático pedagógica do esporte*, Ijuí: Editora Unijuí, 1ª ed. 1994.
- LABRE, Magdala P. *Adolescent Boys and the muscular male boy ideal*. *J. of adolescent health* 2002;30:233-242.
- LAKATOS, Eva M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo, Atlas, 1991.
- LARA, Larissa Michele. *O sentido ético-estético do corpo na cultura popular*. 22/10/2004. 226 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas/SP, 2004.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas/SP, Papirus, 2003.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, EPU, 1974.
- NUTTER, June. *Middle school students' attitudes and Use of Anabolic Steroids*. *J. Strength and. Com. Res.* 11(1):35-39. 1997.

- PEDROSA, José Geraldo. *Esclarecimento , desencantamento e instrumentalização da vida e a onda de corporalidade*. Educar, Curitiba, n. 16. 2000. p. 99-108.
- POPE Jr., H.G, PHILLIPS, K. A, OLIVARDIA, R. *O complexo de Adônis: A obsessão masculina pelo corpo.*, Rio de janeiro, Campus, 2000, 316p.
- PORTER, Michael E.. *Vantagem Competitiva*. Rio de Janeiro: Campus, 1985.
- PITTS, Brenda G. & STOTLAR, Davis K. *Fundamentos do Marketing Esportivo*, São Paulo: Phorte Editora, 2002.
- RAPPAPORT, Clara R., FIORI, Wagner R., DAVIS, Claudia. *Psicologia do Desenvolvimento: A idade escolar e a Adolescência*. São Paulo, EPU, 1982.
- SANT' ANNA, Denise B. de. *É possível realizar uma história do corpo?* In. SOARES, Carmen L. (org) *Corpo e História*. Campinas/SP; Autores Associados, 2001.
- SANTOS, Antonio R. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro, DP & A Editora, 2002.
- SILVA, Cinthia Lopes da. *A “mediação” das praticas corporais: significados da musculação para freqüentadores de um parque público*. 26/05/2003, 161 f., dissertação de mestrado, Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas/SP 2003.
- SOARES, Carmen L. *Educação Física: raízes européias e Brasil*, Campinas/SP; Autores Associados, 2001.
- VARGAS, Ângelo L. S. *A Educação Física e o Corpo: a busca da identidade*, Rio de Janeiro/RJ; Sprint, 1990.
- VAZ, Alexandre F. *Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão*. In. *Pró-Posições*, Campinas/SP revista quadrimestral, faculdade de Educação-Unicamp. V. 14, n.2 [41] - maio/ago 2003.

ANEXOS



ANEXO A: Goku.



Goku

Fonte: <http://tvglobinho.globo.com>

ANEXO B: Corpo Masculino, corpo feminino.



Fonte: www.fisiculturismo.com.br

ANEXO C: Corpo feminino, na configuração atual.



Fonte: www.fisiculturismo.com.br